

CÉLIA DE
GOUVÊA
FRANCO

(INTERINA)



O gordo superávit da balança em 2003

Aberta a temporada de consultas às bolas de cristal sobre o que 2003 reserva para o Brasil, vale a pena relembrar o que os especialistas previam há um ano. A primeira reação ao reler essas projeções é de que teria sido bom viver no país desenhado por economistas de bancos e consultorias em dezembro de 2001, com inflação em queda e a economia em crescimento. As estimativas eram de que a inflação ficaria em 5,5%, na pior das hipóteses. Ou seja, menos da metade da inflação que estamos enfrentando. E se os profetas da economia estivessem certos, o Produto Interno Bruto (PIB) teria tido uma expansão de pelo menos 2%, acima portanto do aumento modesto de 1,5% agora previsto.

Mais chocante é lembrar que em dezembro do ano passado, a expectativa do mercado financeiro era de que o dólar ficaria em 2002 no máximo em R\$ 2,70 — e havia quem previsse, como o BankBoston do futuro presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, que a cotação não passaria de R\$ 2,50. Hoje, quase há euforia no governo e entre empresários quando o dólar “cai” para R\$ 3,50...

Este é o segundo ano consecutivo em que as previsões foram atropeladas por uma sequência de crises econômicas ou políticas com reflexos na economia, no Brasil ou no exterior. E o que se poderia esperar do próximo ano? Não há dúvidas de que previsões para 2003 são ainda mais complicadas porque, de novo, como ocorreu neste ano, o mundo da política ditará os humores da economia, que se pautará pelos acertos e falhas do governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Não que não sejam importantes fatores como o ritmo de recuperação da economia americana e mundial e uma eventual guerra contra o Iraque e seu impacto sobre os preços das commodities e do petróleo. Mas também nesses casos o fator político — as razões eleitorais do presidente George W. Bush — será preponderante.

Importações de máquinas caíram 56% neste ano

Mesmo assim, há áreas da economia em que é possível arriscar um prognóstico porque alguns dos principais lances já foram dados e um deles é a balança comercial. Muito foi falado nos últimos meses sobre o excepcional desempenho da balança neste ano — e é, de fato, um

comportamento fora dos padrões um país sair de um déficit de US\$ 697 milhões há dois anos e chegar agora a um superávit próximo a US\$ 12,5 bilhões, como se espera que seja anunciado hoje pelo Ministério do Desenvolvimento.

O mercado financeiro, conforme o levantamento semanal feito pelo Banco Central, considera que o superávit de 2003 será ainda mais reforçado, acima dos US\$ 15 bilhões. As exportações devem seguir o ritmo dos últimos meses já que o Brasil está conseguindo manter ou mesmo ampliar sua fatia do mercado internacional apesar da lentidão com que a economia mundial se recupera. Do lado das importações, por sua vez, aparentemente não existirão pressões de aumento de compras que ameacem essa previsão. A procura por bens de consumo vindos de outros países deve continuar reprimida por causa dos preços proibitivos para grande maioria da população.

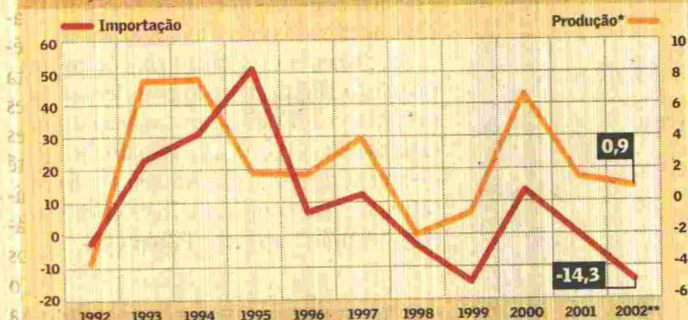
Mais significativo ainda deve ser a manutenção da tendência de a indústria importar relativamente pouco. Historicamente, existe uma relação muito forte entre produção industrial e as variações na demanda por importados, como se constatou de novo neste ano (veja o gráfico abaixo). As importações totais do Brasil se reduziram em 14% até novembro, mas as compras no exterior de itens diretamente relacionados com a produção industrial encolheram ainda mais.

Assim, caíram 29% as importações de ferramentas e de partes e peças para bens de capital para a indústria enquanto diminuíram 56% os desembarques no país de máquinas. Com isso, a expectativa é de que as importações em 2003 devam se manter em volume semelhante ao deste ano, da ordem de US\$ 45 bilhões.

A LCA Consultores aumentou de US\$ 14,9 bilhões para US\$ 15,9 bilhões sua previsão de superávit comercial como resultado da revisão de 4,3% para 2,2% da taxa de crescimento das importações no próximo ano. E isso porque a economia e principalmente a indústria vão continuar em marcha lenta como resultado do novo aumento das taxas de juros, decidido pelo Copom em sua última reunião no governo Fernando Henrique Cardoso. Mesmo um corte radical e imediato dos juros — uma possibilidade remota diante do perfil da equipe econômica de Lula — demoraria para ter efeito sobre o lado real da economia, sobre a indústria e suas importações.

Importação X Produção

Variações no ano - em %



Fonte: MDIC/Secex, IBGE e Valor Pesquisa Econômica.

* Geral - base: últimos 12 meses anteriores = 100. ** Acumulado em 12 meses até outubro.

Célia de Gouvêa Franco é editora de Brasil

E-mail: celia.franco@valor.com.br